

● EXPLICADOR

Imprensa madeirense celebra

bicentenário Com a voz livre de Almeida Garrett

DIÁRIO de Notícias ADIRA A 1 ASSINATURA ANUAL E USUFRUA DAS SEGUINTE VANTAGENS:

CABELEIREIRO IN VOGUE
16% em serviços;
11% em produtos;

CABELEIREIRO
inVogue

conheça todos os parceiros e vantagens em: assinaturas.dnoticias.pt

lojas **DIÁRIO**

Oferta

1 Snack
Cheeseburger
ou Chicken Delights
NA COMPRA
DE 1 DIÁRIO

Campanha válida na aquisição de 1 DIÁRIO nas Lojas DIÁRIO (Rua Fernão de Ornelas 56, Rua da Alfândega 8 e Centro Comercial Marina Shopping). Limitado ao stock existente e não acumulável com outras campanhas em vigor.

LUIZ HUMBERTO MARCOS*

Há 200 anos, enquanto se debatia, nas cortes liberais, a 1ª Lei de Imprensa portuguesa, ultimava-se O Patriota Funchalense.

Consequência inequívoca da revolta liberal do Porto, de 24 de agosto de 1820, o primeiro jornal organizado fora do continente português nascia no Funchal, longe das Cortes que, em Lisboa, se ocupavam da Constituição e da Lei de Imprensa.

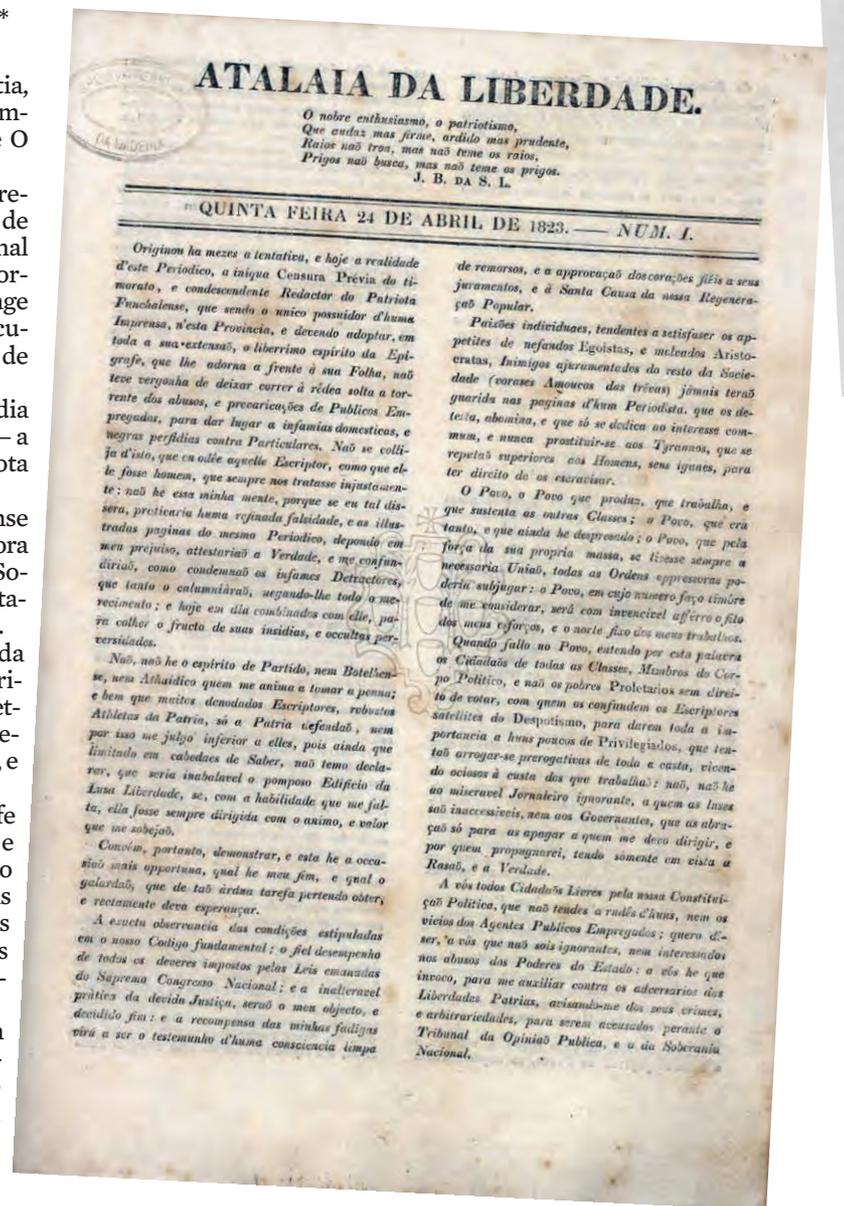
É foi precisamente no último dia dos debates desta lei nas Cortes – a 2 de julho de 1821 – que o Patriota viu a luz do dia.

O feito deve-se a um madeirense extraordinário que, na Escócia, fora Presidente da Royal Physical Society of Edinburgh, Nicolau Caetano Bettencourt Pitta (1788-1857).

Mesmo sem o saber, Almeida Garrett (1799-1854) é, desde a primeira hora, patrono do jornal. Bettencourt Pitta inscreve-o no cabeçalho, com versos emblemáticos, e só mais tarde lho dirá.

Os versos tornam-se epígrafe especial do jornal. São fortes e ressoam a liberdade desse tempo de euforia: “Ergo tardia voz, mas ergo-a livre/ Ante vós, ante os Céus, ante o Universo/ Se os Céus, se o Mundo minha voz ouvirem”.

Constam estes versos de um dos primeiros poemas de Almeida Garrett. Intitula-se “Ao Corpo Académico” e foi recitado na Universidade de Coimbra (nov. 1820).



A semente do Patriota fez nascer na Madeira uma imprensa que, em termos insulares e atlânticos, constitui um exemplo fértil de criatividade e perseverança.



simultaneamente com o reconhecimento do direito à liberdade de imprensa que ficará consagrado na Constituição de 23 de setembro de 1822, depois da Primeira Lei de Imprensa Portuguesa ter sido aprovada em 4 de julho de 1821. O seu Artigo 1º dizia expressamente que qualquer pessoa podia imprimir, publicar, comprar e vender no Estado Português quaisquer livros ou escritos sem censura prévia.

Este foi um momento histórico que marcou bem o ideário que maioritariamente perpassava pelas Cortes. É certo que, menos de dois anos depois, o absolutismo vencedor da "Vilafrancada" (1823) voltou a impor a censura prévia. É certo que Bettencourt Pitta foi preso e deportado para os Açores em 1823...

Como se verifica também hoje, o poder da imprensa livre incomoda os poderes de matriz absolutista, mesmo a coberto de qualquer verniz democrático.

Bicentenário Duplo

Se aquele 1821 calou fundo nos espíritos abertos de então, marcados pelos valores da igualdade, liberdade e fraternidade, muitas décadas se irão passar, com diferentes máquinas censórias de permeio.

A Madeira não ficou imune aos ditames dos diferentes poderes que amordaçaram a liberdade de imprensa. Apesar de todos os reveses e contrariedades, a semente do Patriota fez nascer na Madeira uma imprensa que, em termos insulares e atlânticos, constitui um exemplo fértil de criatividade e perseverança.

Passado esse período 'vintista' de euforia garretiana, jamais encontraremos na história da imprensa uma data tão festiva como é o 25 de abril de 1974.

Com a 'revolta dos capitães de abril' foi extinta de vez a censura prévia. Hoje, passados mais de 47 anos sobre o fim do mais longo regime ditatorial da Europa, Portugal está no top 10 dos países com mais liberdade de imprensa do mundo (índice RSF).

Ela é fundamental como oxigénio da cidadania e da criatividade.

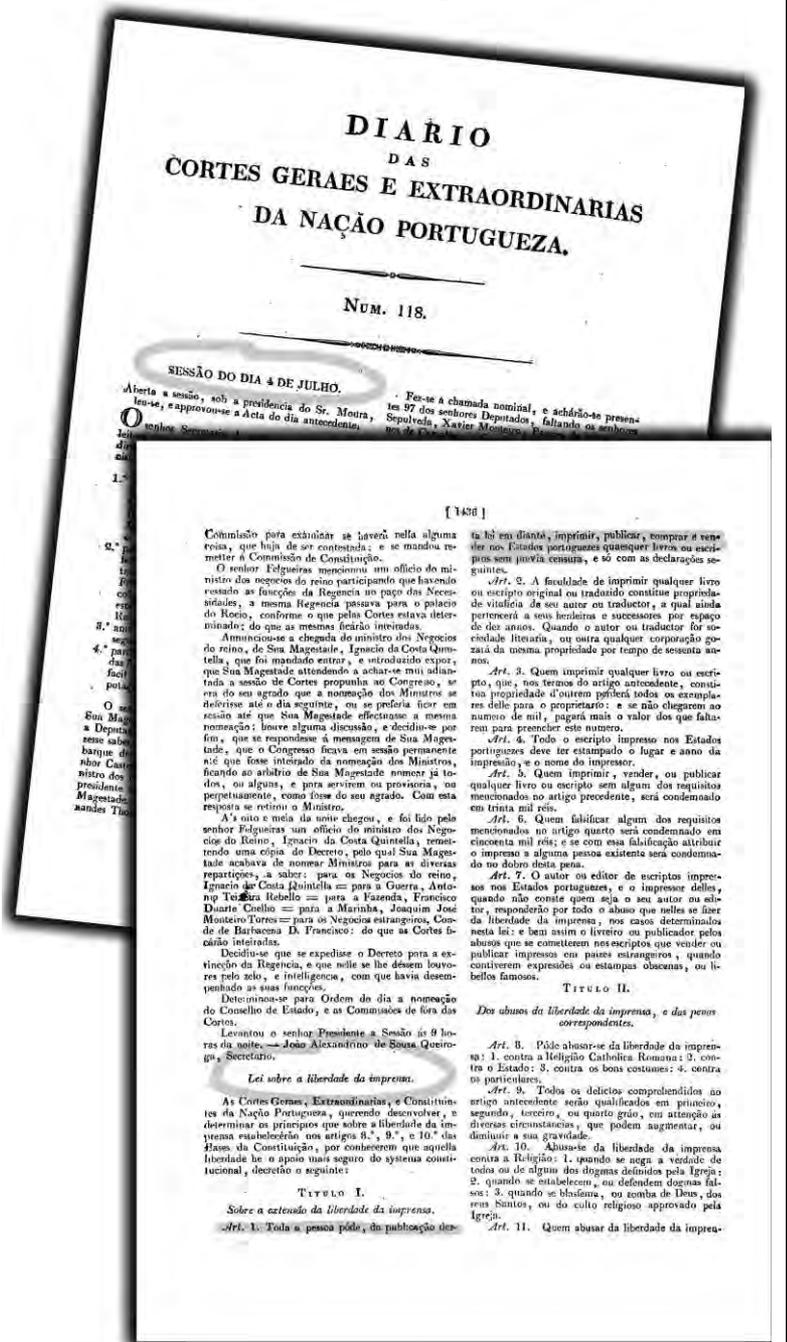
Por esta situação e pelo 25 de abril, vale a pena celebrar o bicentenário do Patriota conjugado com o 200º aniversário da 1ª lei da Liberdade de Imprensa.

Este bicentenário coincide com o período mais longo da nossa história sem censura prévia. Quase meio século de liberdade!

Mesmo que os tempos não estejam para grandes utopias, é preciso lutar para que a liberdade seja eterna. Sem a liberdade, morre-se como povo. Asfixia-se a humanidade.

* Diretor do Museu Nacional da Imprensa e autor do projeto museológico do Museu de Imprensa-Madeira e de vários museus e galerias virtuais. Natural do Funchal, investigador e professor universitário.

Hoje, passados mais de 47 anos sobre o fim do mais longo regime ditatorial da Europa, Portugal está no top 10 dos países com mais liberdade de imprensa do mundo.



Versos de Almeida Garrett encabeçam os dois jornais

Este bicentenário coincide com o período mais longo da nossa história sem censura prévia.

"A pátria é pátria já, nós somos homens!", constitui um dos versos desse poema. O seu final é ainda mais combativo: "Vivamos livres, ou morramos homens!"

Bettencourt Pitta não apresenta qualquer justificação para a escolha da divisa que irá acompanhar o cabeçalho do jornal até ao nº 203, de junho 1823. Só três meses depois do lançamento do bissemanário, Pitta faz alusão à divisa, respondendo a uma carta de Garrett: "crede, virtuoso cidadão que outro merecimento não tive, que o de tributar a devida homenagem aos grandes sentimentos que vos caracterizam na imortal obra a que pertence tão nobre ideia".

Do ponto de vista histórico-jornalístico é importantíssima a presença de Garrett no jornal madeirense. Primeiro, porque foi um dos primeiros jornais a escolher versos de Garrett para lema (o outro: Ata-

laia da Liberdade, de 1823); depois, porque faz de Garrett uma presença fixa da imprensa, antes mesmo de ele ter entrado na carreira jornalística, iniciada em 1826, com o lançamento do diário "O Português", e continuada com "O Chronista" (1827), entre outros periódicos.

Sem Censura Prévia

Neste contexto, não é menos relevante o facto de o Patriota ter sido um dos primeiros jornais editados em Portugal depois da revolta liberal. Os objetivos do jornal são claros: ser "a sentinela vigilante da cara liberdade"; ser "o acérrimo defensor da verdade"; e ser "o severo juiz das ações" dos servidores da Pátria.

Em termos históricos, convirá ainda enquadrar melhor o surgimento de "O Patriota Funchalense". Ocorre poucos meses depois de ter sido formalmente extinto o Tribunal do Santo Offício (31.03.1821),

VALORES ATUAIS

Do programa do Nº 1 de O Patriota Funchalense constam valores de grande atualidade. Vejamos o que pretende Bettencourt Pitta: "(...) ser a sentinela vigilante da cara liberdade, o acérrimo defensor da verdade e o severo juiz das ações dos que ousarem negar à Pátria o que lhe devem e dos que encarregados da pública administração traírem as esperanças do sábio Governo que os encarregou de promoverem o nosso bem (...). Na mesma "introdução", "o re-

dactor" delimita o seu objetivo: "Todo o escritor que não tiver em vista o bem da sociedade, a instrução pública, a correção dos costumes e dos abusos e a conservação da liberdade civil, é inimigo da boa causa, e, como anti-constitucional, não terá lugar nesta folha que vai ser o órgão da liberdade e não do libertinismo, da verdade e não do erro; para inspirar aos cidadãos na prática da virtude o amor que os liga, como irmãos, e nunca o ódio que os divide, como estranhos".

Aprovada a 2 de julho de 1821, a Lei da Liberdade de Imprensa sai no Diário das Cortes dois dias depois